

SEXISMO NO FUTEBOL: VIVÊNCIAS DE ATLETAS E TORCEDORES DA PARAÍBA

SEXISM IN FOOTBALL: EXPERIENCES OF ATHLETES AND FANS OF PARAÍBA

SEXISMO EN EL FÚTBOL: EXPERIENCIAS DE ATLETAS Y AFICIONADOS DE PARAÍBA

Maria Eduarda Bezerra Lacerda ¹

Resumo: Este artigo estuda estereótipos sexistas de torcedores paraibanos e atletas de futebol atuantes na Paraíba. Os objetivos foram compreender de que forma questões relacionadas ao gênero se manifestam nesse público; provocar reflexões sobre as razões da persistência do sexismo nesse âmbito e identificar fatores que afastam as mulheres dos estádios. Caracterizada como uma pesquisa natureza qualitativa de tipologia descritivo-explicativa e recorte temporal transversal, os sujeitos investigados foram 14 atletas e 50 torcedores de ambos os sexos. Os dados foram obtidos através de dois questionários, analisados mediante a técnica de análise de discurso e apontaram causas sexistas que levam a resistência/ausência feminina no futebol. Esta pesquisa constatou a presença da cultura machista na Paraíba. As vivências relatadas por atletas e torcedoras, as estereotipagens, o preconceito e outros impasses, evidenciam tal quadro.

Palavras-Chave: Sexismo; Futebol Paraibano; Torcida; Atletas; Futebol feminino.

Abstract: This article studies sexist stereotypes of Paraíba supporters and soccer athletes active in Paraíba. The objectives were to understand how issues related to gender manifest themselves in this audience; to provoke reflections on the reasons for the persistence of sexism in this context and to identify factors that keep women away from the stadiums. Characterized as a qualitative research with a descriptive-explanatory typology and cross-sectional temporal cut, the subjects investigated were 14 athletes and 50 fans of both sexes. Data were obtained through two questionnaires, analyzed using the technique of discourse analysis and pointed out sexist causes that lead to female resistance/absence in soccer. This research found the presence of sexist culture in Paraíba. The experiences reported by athletes and cheerleaders, stereotyping, prejudice and other impasses, show this situation.

Keywords: Sexism; Paraíba Football; Twisted; Athletes; Women's football.

Resumen: Este artículo estudia los estereotipos sexistas de los hinchas de Paraíba y de los deportistas de fútbol activos en Paraíba. Los objetivos fueron comprender cómo se manifiestan los temas relacionados con el género en esta audiencia; provocar reflexiones sobre las razones de la persistencia del sexismo en

¹ Professora Licenciada e bacharelada em Educação física pela UFPB, Pós-graduada em educação física infantil e Psicologia do esporte, integrante do Grupo de Pesquisas em Pedagogia da Corporeidade – GEPEC/ UFPB.

este contexto e identificar factores que alejan a las mujeres de los estadios. Caracterizada como una investigación cualitativa con tipología descriptivo-explicativa y corte temporal transversal, los sujetos investigados fueron 14 deportistas y 50 aficionados de ambos sexos. Los datos se obtuvieron a través de dos cuestionarios, se analizaron mediante la técnica de análisis del discurso y se señalaron las causas sexistas que conducen a la resistencia/ausencia femenina en el fútbol. Esta investigación constató la presencia de cultura sexista en Paraíba. Las experiencias relatadas por atletas y porristas, estereotipos, prejuicios y otros impasses, muestran esta situación

Palabras-llave: Sexismo; Fútbol de Paraíba; Retorcido; Atletas; Fútbol femenino.

1. Introdução

O futebol desperta grande paixão no povo brasileiro, mesmo com origem distante e inexistente. A fácil inserção na cultura esportiva brasileira bem como a hegemonia no cenário competitivo, rendeu a perífrase: país do futebol. Mesmo com a evolução global do âmbito esportivo, falar de futebol feminino ainda é sinônimo de resistência, preconceitos e estereótipos. Apesar da popularização nas diversas dimensões culturais, discutir temáticas do esporte, é evidenciar o desmerecimento do papel feminino nesse universo, seja jogadora ou torcedora. Além disso, as relações de poder atribuídas aos sexos divergem ora como atletas ou torcedores/as, ora nas federações, administrações e gestões desportivas que independem da modalidade.

A escolha de adentrar em um ambiente culturalmente masculino ocasiona muitos preconceitos pelo esporte escolhido, seja pelas vestimentas da modalidade ou até mesmo pelo seu modo de agir. Comparar o suporte e incentivo destinado à prática corporal entre os sexos no esporte de alto rendimento é evidenciar desproporção. Nesse sentido, enquanto os homens têm espaço profissional, físico e cultural amplos, as mulheres tinham/têm sua atuação mais limitada à vida familiar ou doméstica. A busca da feminilidade é apresentada como o caminho mais importante de aceitação para as mulheres, o preconceito e a atribuição de papéis sexistas são razões para desistirem de imergir no ambiente esportivo.

O anseio das mulheres de ir aos estádios torcer, ou o sonho de ser jogadora de futebol é continuamente ofuscado por pressões sociais que definem padrões de gênero comportamentais. Assim, ainda no século XXI, grande parte da população pressiona decisões das mulheres: gostos, comportamentos, locais a frequentar ou características físicas, tomando como base critérios de feminilidade preconceituosos. Historicamente, a presença feminina no ambiente desportivo sempre foi marcada por impasses e negações, bem como por lutas, resistências e crescente conquista de espaço.

As jogadoras de futebol sempre enfrentaram a discriminação social. Estas, eram julgadas como incapazes de praticar o mesmo o esporte que o sexo oposto. Nos casos em que as habilidades eram inegáveis ou que a característica corporal e comportamental caracterizava bem o esporte, atribuía-se a extinção da postura feminina, que por se tornar masculinizada para os parâmetros sociais, surgia o estereótipo homossexual para as praticantes. (ALTMANN, 2015).

O futebol é conhecido como um universo demarcado pelo masculino com predominância heterossexual. Assim, acompanhar ou praticar o esporte fomentou uma ideia de que esse seria pouco recomendado e inadequado para as mulheres. Entretanto, lutas feministas aumentaram a participação feminina nas torcidas, originando um novo público que acompanha e consome o esporte. Apesar da crescente imersão feminina nesse âmbito, o predomínio machista rotula e desrespeita essa representatividade. (TORGA, 2019).

Este estudo é estimulado pela relação entre o futebol feminino, o sexismo e a hegemonia masculina. A temática em questão reflete a autoria nordestina e fanática - conforme as descrições do autor Eduardo Galeano em seu livro futebol ao sol e à sombra (GALEANO, 1995). Partindo desse pressuposto, a pesquisa em questão tem como objetivo geral investigar a presença de estereótipos sexistas nas torcidas e atletas de times da série A do futebol paraibano. Como objetivos específicos, destacam-se: a análise de aspectos socioeconômicos culturais dos sujeitos; a compreensão das questões relacionadas ao gênero no público analisado, além da descrição das ocorrências de gênero e estratificação social - em campo e na torcida.

2. Revisão Literária

2.1 As Relações De Gênero e o Sexo No Esporte

As construções históricas – que são sociais – produzidas sobre características biológicas são o âmago deste estudo. Discorrer sobre gênero no esporte e igualdade de direitos é algo amplo e complexo. Historicamente, o diferente do masculino e da heteronormatividade sofre com a naturalização do preconceito. Já no alto-rendimento esportivo, a sexualidade é explícita até no lema olímpico, que considera o masculino como única referência: o mais alto, o mais rápido e o mais forte. (GROSSI, 2006). Discorrer sobre gênero é pensar no corpo como algo mais variável que constante, como uma construção cultural sobre diferenças entre os sexos. A pessoa do sexo feminino, muitas vezes é considerada incapaz, principalmente características emocionais, além de viver numa constante luta por independência e reconhecimento no meio social. (LEITE, 2019)

O termo sexo diz respeito à identidade biológica dos indivíduos, é utilizado na identificação das características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. (GOELLNER, 2010). O sexo biológico surgiu como único e posteriormente foi dividido

através de concepções científicas, filosóficas ou religiosas: um com o órgão sexual externo ao corpo e outro na parte interna por falta de energia vital ou vigor: o sexo feminino. Apesar dos conhecimentos não coincidirem temporalmente, de forma retrógrada, essa diferença física passa a ser significativa ainda hoje daquilo que é forte ou fraco, ativo ou passivo e nos demais aspectos, como as funções sociais atribuídas pelo sexo. (MONTEIRO e SOARES, 2019)

Infringir esses estereótipos sociais pressupõe a distorção da identidade de gênero e da sexualidade. No esporte, o preconceito, os bloqueios discriminatórios e a ignorância sobre o papel feminino, ainda é muito comum. Independente do aumento participativo na maioria das modalidades, o cenário ainda é interposto por princípios masculinos, no qual ser mulher é sinônimo de vulnerabilidade, o ciclo opressor-sexista é reproduzido em campo – através da desigualdade seja de renda, incentivos ou espectadores entre as equipes femininas e masculinas de futebol - e também nas arquibancadas – nos casos de assédio e desrespeito. (GROSSI, 2006).

2.2 Memórias Futebolísticas

O primeiro registro de jogo similar ao futebol do qual se tem conhecimento é chinês e data 3000 a.C. Entretanto, o futebol moderno surgiu no século XIX, em outubro de 1863, quando representantes ingleses fundaram a *football association* em Londres e unificaram as regras do jogo, que se disseminou por escolas e universidades. (SANTOS, 1994 *apud* GALEANO, 2013). A disseminação do esporte pela Europa resultou no surgimento da FIFA², federação responsável pelas regras e um comitê com oito integrantes denominado IFAB³.

A história do futebol brasileiro tem início oficialmente com o esportista Charles Miller no século XIX, quando as primeiras bolas e uniformes chegaram em 1894 para a realização de jogos com sócios do São Paulo *Athletic Club*. Entretanto, desde os tempos da Colônia, os colégios jesuítas já realizavam jogos de futebol no Brasil (ALVES E GARCIA, *apud* CARRANO, 2000; DAMATTA, 2006). A inserção do futebol no cenário cultural-identitário do Brasil ocorre de forma exponencial, pelo futebol o povo aprendeu que pode vencer omissões políticas e problemas sem crença religiosa ou ideológica.

Apesar dessa característica social mais pobre, o futebol só imerge nas periferias em 1900 com o surgimento das peladas⁴. Posteriormente, o Brasil passou pelo processo de industrialização e a burguesia acreditava que se imitasse os hábitos dos países desenvolvidos, se tornaria igual. Assim também acontecia nos subúrbios: ter as mesmas vivências que um rico da época era como se tornar rico (MONTEIRO, 2017; ROSENFELD 2013). Para Daólio (2005), a facilidade de jogar futebol também foi fator propulsor da popularização. Aconteceram avanços tecnológicos que

² *Fédération Internationale de Football Association*

³ *International Football Association Board*.

⁴ Denominação atribuída aos campos de futebol descuidados que arrancavam os pêlos dos jogadores.

globalizaram essa prática, o futebol se manteve presente nas redes sociais e no comércio. (BRILHANTE e TORRESILHAS, 2021).

2.3 O País Do Futebol, Mas Não Para As Mulheres

As conquistas das lutas históricas feministas são inegáveis e as relações estabelecidas no mundo do futebol também formam esse progresso. Por ser reduto sociocultural masculino, produz e carrega consigo valores. A virilidade do esporte foi/é transformada em sexismo: “futebol é coisa para macho”.(FRANZINI, 2005). Em 1940 a prática esportiva do futebol foi proibida para as mulheres, isso porque o esporte era considerado uma ameaça ao corpo feminino – que deveria ser protegido, pois originaria os futuros brasileiros. A mulher era vista como frágil demais para suportar o contato que a modalidade exige.

"Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país."(decreto – Lei Nº 3.199, Artigo 54, 1965).

Conforme o parágrafo anterior, em 1965, o governo militar proíbe novamente a prática esportiva. Apenas após o fim da ditadura militar, na década de 70, essa situação findou. Mesmo autorizadas a jogar, a resistência dos clubes era evidente. O futebol feminino ainda não possui o mesmo reconhecimento do masculino ou mesmo do futebol feminino em outros países, nem valor da mídia, contudo, as mulheres estão cada vez mais participativas. (SOUZA, 2016). Entre impasses, estereótipos, expansões e refluxos, a crescente valorização dessa prática, pode ser atestada através do crescente público nos estádios acompanhando partidas, bem como na conquista da igualdade entre os sexos nos valores pagos pela CBF desde 2020.

De acordo com dados da Confederação Brasileira de Futebol, existem cerca de 400 mil jogadoras registradas, enquanto a quantidade de registros jogadores ultrapassa 2 milhões. A jogadora com maior expressão nacional é a Marta Vieira, que recebe o equivalente a R\$1.495.000,00 por temporada. Embora pareça uma grande quantia, esse valor equivale a 1% do jogador Neymar Jr., a diferença é que Marta atua há mais tempo e foi eleita a melhor do mundo por seis vezes.

2.4 O Futebol Paraibano

O futebol chega à Paraíba através de um grupo de estudantes em 1908 quando a primeira bola é trazida por José Eugenio Soares – fundador do *Club de Foot Ball Parahyba*, clube que fez a primeira exibição do esporte no estado. Através de uma reunião com presidentes de clubes, desportistas e curiosos, surge em 1919, a Liga Desportiva Paraibana. Após esse acontecimento, o

campeonato que era quase exclusivo à capital se espalhou pelas cidades do interior. Em 1941, criou-se a Federação Desportiva Paraibana que passou a ser em 1947 a Federação Paraibana de Futebol e dessa forma permanece até a atualidade. (SILVA, 2015)

2.4.1 Paraíba Masculina, “Muié Macho, Sim Sinhô”

Na Paraíba, apesar de o primeiro jogo masculino de campeonato paraibano em 1919 já contar com expectadoras, quando se tratou de jogadoras, a realidade de desenvolvimento temporal foi divergente. Essa mesma competição [feminina], só aconteceu em 2008. Por falta de incentivo e visibilidade, o campeonato paraibano feminino não teve continuidade até o ano de 2014, só no ano seguinte a competição ganha um calendário anual. Onde a equipe campeã, representa o estado na série A3 do campeonato brasileiro. (VALENTIM, 2019)

Símbolo de resistência feminina no estado, a ex-jogadora Gleide Costa – atual técnica do Botafogo-PB feminino – está no âmbito do futebol desde 1995, resistindo ao estereótipo de ‘mulher macho’ e a falta de incentivos, conforme seu discurso ao Globo Esporte no Portal Globo.com em Março de 2017. Além dela, entre as jogadoras paraibanas conhecidas nacionalmente, destacamos Lucilene Meireles, que também mencionou o estereótipo de mulher macho em entrevista ao Portal Correio (2022), que ao resistir e persistir, tornou-se a única paraibana convocada para a seleção brasileira. (PORTAL CORREIO, 2022)

2.5 O 12º Jogador

Conhecida popularmente como o “12º jogador”, a torcida é indissociável e carrega o princípio de apoiar incondicionalmente um clube nas vitórias ou nas derrotas. O Estatuto do Torcedor define o torcedor como pessoa que admira, acompanha, incentiva e/ou seja associado a uma entidade desportiva do país.(LEI Nº. 10.671, 2003). O verbo ‘torcer’ transformado em expressão remete ao latim *torquere*⁵, muito relacionada ao comportamento dos torcedores com os adversários. Na Paraíba não existem pesquisas imparciais que investiguem o tamanho das torcidas. Porém, é inegável que possui representatividade Nacional, mesmo sem os holofotes dos grandes clubes da série A brasileira. A arquibancada é um local simbólico e no estado em questão, os gigantes de concreto⁶ são palco de inquietações, tensões e reviravoltas que os jogos proporcionam. (DAMO, 2007; HOLLANDA 2012).

2.5.1 Torcida: Substantivo Feminino

⁵ tramar, torcer, atormentar, maltratar

⁶ Estádios

As mulheres tiveram um papel pioneiro em relação às torcidas de futebol, elas que consagraram a expressão ‘torcer’. Isso se justifica porque as damas levavam pedaços de pano aos estádios para torcer e aliviar a tensão sem se descabelar, chorar ou fritar pelo seu time de coração. Atualmente, as torcedoras têm ganhado visibilidade em grupos ou isoladas, provando que estão surgindo novas formas de composição identitária, demandas e significados para o futebol. Enquanto a prática é incentivada aos homens, para as mulheres a prática não é incentivada, essa realidade reforça o imaginário social de que a mulher desconhece tudo sobre a temática.(DAMO, 2007).

2.6 Estereótipos, Sexismo E Sororidade

Estereótipo é definido como uma imagem preconcebida sem conhecimento profundo sobre alguma coisa ou indivíduo. Carregados de Sentimentos, os estereótipos são como uma percepção ilusória da sociedade que passa a ser naturalizada pelas repetições. Para Jakubasko (2015), Estereótipos são generalizações construídas pelos pensamentos e pela linguagem humana:

São como moldes em que se encaixam visões de mundo; são rótulos, hábitos e comportamentos que reconhecemos e reproduzimos automaticamente. Eles são transmitidos por meio da linguagem, discursos sociais, assimilados na maior parte das vezes, de maneira inconsciente. Isso porque repetimos categorias e padrões que herdamos das gerações anteriores sem refletir. (p.3)

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, sexismo é ter preconceito ou discriminar alguém pelo sexo. O sexismo é manifestado em ações, posturas e credos pessoais que percebem desvantagens e negatividade em indivíduos, tomando como base o gênero, de forma a apoiar desigualdades entre os sexos. Sororidade é uma ideia de propor empatia e solidariedade entre público comum, nesse caso entre as mulheres.

Ao se referir às mulheres atletas, é perceptível que há uma massificação entre as demais mulheres em proferir julgamentos e comentários ofensivos contra essas, para Souza (2016, p.53), “quando agimos como se fossemos rivais perdemos a força que poderíamos ter caso usássemos a sororidade para nos empoderar”. Nesse sentido: Sororidade é a ideia de solidariedade entre mulheres, que se apoiam para conquistar a liberdade e a igualdade que desejam. É respeitar, ouvir e dar voz umas às outras sem julgamentos” – (*Escola Educação, 2020*)

3. Procedimentos Metodológicos

O presente estudo se classifica como uma pesquisa de natureza qualitativa, com tipologia descritivo-explicativa, de recorte temporal transversal, tendo como técnica de análise dos dados a análise de discurso.

3.1 Natureza Qualitativa, Tipologia Descritivo-Explicativa e Recorte Temporal Transversal

A pesquisa qualitativa interpreta os dados através da compreensão dos fenômenos. Essa natureza permite estabelecer relações dinâmicas entre a objetividade do mundo e a subjetividade do sujeito, obtendo dados que não podem ser traduzidos em números (TRIVIÑOS, 1987; GIL, 2008).

A tipologia descritivo-explicativa tem o objetivo de descrever as características de determinada população e identificação de fatores determinantes de um fenômeno, exige que estes estejam suficientemente descritos e detalhados, através de técnicas padronizadas para a coleta de dados, sem interferência do observador. (GIL, 2008; TRIVIÑOS, 1987). Quanto ao tempo de pesquisa, esta pesquisa possui recorte transversal: os dados são coletados em um determinado momento, os parâmetros são obtidos de uma só vez, sem que haja a necessidade de acompanhamento. (REIS, et al., 2002; RICHARDSON, 1999).

3.2 Sujeitos Da Pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são atletas de futebol de campo atuantes em clubes da Paraíba, além de torcedores de equipes paraibanas. O estudo totalizou 64 sujeitos adultos, dos quais 14 são atletas (07 mulheres e 07 homens) e 50 são torcedores (25 mulheres e 25 homens). A escolha dos sujeitos foi intencional e não-probabilística.

3.3 Critérios De Inclusão E Exclusão

Foram incluídos no estudo os sujeitos que se adequaram as seguintes características:

- a) Maior de 18 (dezoito) anos;
- b) Atleta, atuando profissionalmente em equipe da série A do campeonato Paraibano de Futebol há pelo menos 6 meses;
- c) Torcedor de equipe da série A do campeonato Paraibano de Futebol;
- d) Voluntário e concordar com o TCLE⁷;

Foram excluídos do estudo os sujeitos:

- a) Menores de 18 anos

⁷ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

- b) Que optaram a qualquer momento por desistir de participar;
- c) Que forneceram respostas incompletas;
- d) Torcedores de equipes de outros estados;
- e) Atletas com menos de 6 meses de atuação no campeonato Paraibano da série A;

3.4 Instrumentos De Coleta Dos Dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram dois questionários semi-estruturados construídos e pré-testados pela autora. O Questionário I - direcionado aos atletas, contém 24 questões; o Questionário II - direcionado à torcida, contém 23 questões. Ambos, com perguntas de múltipla escolha e discursivas.

3.5 Aspectos Éticos E Procedimentos Para Coleta Dos Dados

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS/UFPB), com o número do parecer: 5.452.392, de acordo com os preceitos éticos e morais vigentes. Visando o bem-estar e saúde dos participantes da pesquisa e justificando-se pela necessidade de isolamento social imposta pela Pandemia de COVID-19, os questionários foram realizados de forma virtual. Os participantes foram situados no que se refere à importância e pretensões do estudo em questão. Em seguida, o foi aplicado TCLE para todos os sujeitos de forma a cumprir a norma 466\2012 que diz respeito à condição de dignidade humana em relação a pesquisas com seres humanos.

Após a aceitação e assinatura do termo, a coleta de dados foi iniciada com a aplicação individual dos questionários. Para a coleta dos dados, a pesquisa foi divulgada pelas redes sociais *Instagram* e *WhatsApp*, através de um link que direcionava ao *Google Forms*. Os/as atletas e torcedores que se disponibilizaram e cumpriram os critérios de inclusão, participaram voluntariamente da pesquisa. O processo de perguntas, não atrapalhou em nenhum aspecto, já que responder o questionário durou em média 5 minutos, podendo apenas ter gerado um leve desconforto pela exposição da tela, entretanto, ninguém foi obrigado a iniciar ou permanecer respondendo.

3.6 Configuração Da Análise Dos Dados

Para o desenvolvimento da análise de dados, as informações obtidas foram identificadas, interpretadas e analisadas, utilizando a Técnica de Análise de Discurso. Esta técnica de análise, como a própria nomenclatura indica, não trata da língua nem da gramática, embora esses fatores lhe interessem, trata do discurso. Visa a compreensão de um objeto produtor de sentidos e significados para/por sujeitos. (ORLANDI, 2004).

4. Análise E Discussão Dos Resultados

Para o perfil do público alvo foi utilizada a análise descritiva dos dados como síntese das variáveis quantitativas, já para as questões subjetivas, optou-se por utilizar a análise do discurso. Este tópico foi dividido em categorias originadas a partir dos discursos dos sujeitos. Cada categoria e suas variáveis, desvelaram discursos recorrentes que originaram códigos de análise, permitindo uma discussão mais ampla e sistematizada.

4.1 Perfis Dos Sujeitos Analisados

4.1.1 Idade dos sujeitos da pesquisa

Os torcedores investigados têm faixa etária de 18 a 52 anos, enquanto os atletas apresentam idades de 18 a 37 anos. Na faixa etária de 18 a 28 anos, estão 60% dos torcedores (n⁸=30). Já no que se refere aos atletas, dos 14 sujeitos, 42,8% (n=06) tem a faixa etária de 18 à 28 anos de idade, enquanto 57,1% (n=8) têm de 29 a 39 anos. Um fato relevante é a média de idade distribuída por sexo entre os torcedores: as mulheres possuem uma média de idade de 24,2 anos e os homens 30,7 anos. Percebemos um sentido revolucionário nessa análise inicial de uma torcida com mulheres jovens, pois considerando o tempo de invisibilidade social e a crescente imersão em aspectos que eram destinados aos homens, expressa o resultado de lutas feministas que hoje permitiram presenciar mulheres em posições e locais que eram exclusivos aos homens.

4.1.2 Grau de escolaridade

⁸ Número de Sujeitos

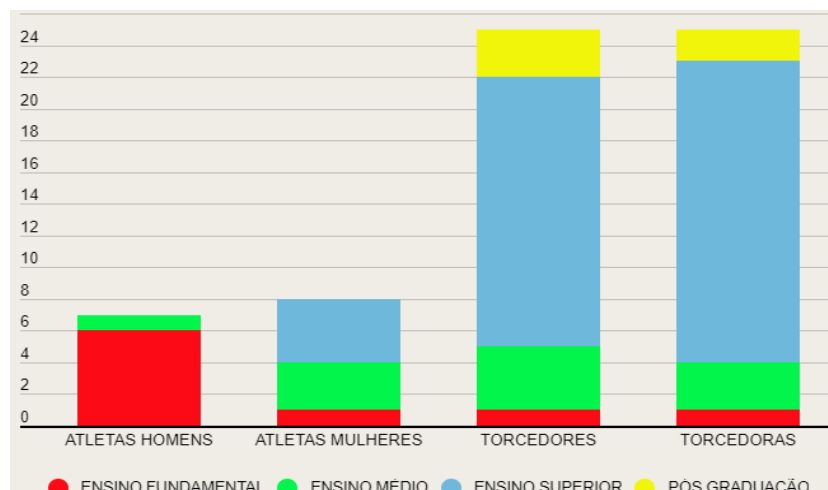


Gráfico 1. Caracterização por grau de escolaridade de atletas e torcedores paraibanos

Fonte: Dados da Pesquisa

Foi constatado nesta investigação, a predominância das atletas com grau de escolaridade superior aos homens. As atletas: (n=4) com ensino superior em educação física; (n=2) com ensino médio e (n=1) cursou até o ensino fundamental. Os atletas: (n=6) com ensino fundamental e (n=1) com ensino médio. Diante dessa maioria de mulheres atletas com graduação, Prá e Cegatti (2016), relata que a luta por igualdade entre os sexos motiva a busca educacional justificando-se pelo ideal de inserção nas esferas sociais. Durante muito tempo, a educação era privilégio masculino, dessa forma, a discriminação continua a segregar e excluir mulheres da esfera do trabalho e socialmente. (PRÁ e CEGATTI, 2016)

Ainda nesse aspecto de escolaridade, 14% dos torcedores cursaram até o ensino médio: (n=4) homens e (n=3) mulheres; 10% são pós-graduados (n=3) torcedores e (n=2) torcedoras e 4% (n=2) um de cada sexo cursou o ensino fundamental completo. Além disso, há o quantitativo de 72% com formação superior, destes, (n=19) são mulheres e (n=17) são homens. Percebemos nas torcedoras a mesma tendência na formação educacional. Prá e Cegatti (2016) afirmam que mesmo com as evoluções em favor das mulheres, os obstáculos encontrados por estas, não podem ser ignorados. Estar na torcida acompanhando os jogos ou como atleta jogando, é dividir-se entre outras obrigações consideradas como femininas.

4.1.3 Local de nascimento

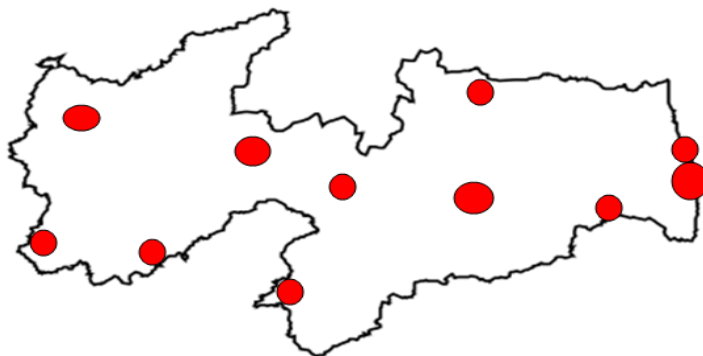


Imagem 1. Distribuição do local de nascimento dos torcedores

Fonte: Dados da Pesquisa

Questionamos aos torcedores sobre o estado e município de nascimento. Todos são paraibanos oriundos de todas as mesorregiões do estado. Da região da mata, foram 23 sujeitos dos municípios: João Pessoa (n=17), Santa Rita (n=5) e Pilar (n=1). Na região do agreste 11 sujeitos, sendo (n=10) de Campina Grande e (n=1) de Cuité. Além disso, 2 sujeitos da região da Borborema: (n=1) de Taperoá e (n=1) de Monteiro. Do sertão, foram 14 sujeitos: Patos (n=7), Sousa (n=4), Tavares (n=2) e Conceição (n=1).



Imagem 2. Distribuição do local de nascimento dos atletas

Fonte: Dados da Pesquisa

Entre as cidades de naturalidade dos atletas foram mencionadas: João Pessoa, Curral Velho e Santa Rita na PB (n=3), Caxias do Sul e Canela no RS (n=2), Assu no RN (n=1) e Corumbá no MS (n=1). Já sobre a naturalidade das atletas: São José do Sabugi, Santa Rita, Cajazeiras e Campina Grande na PB (n=4), Colinas do Tocantins no TO (n=1), Curitiba no PR (n=1) e São Gonçalo no RJ (n=1). Analisar atletas nascidos em diferentes regiões é de grande valia, pois inseridos no futebol paraibano, refletem a influência do meio como as situações de treino, convivências, mas também da sua cultura, seus comportamentos, posturas adotadas, podendo se equiparar ou divergir conforme suas experiências e os ambientes de inserção.

4.1.4 Identidade de Gênero

Questionamos aos atletas e torcedores sobre a sua identidade de gênero. Entre os atletas, apenas as mulheres se declararam homossexuais (n=2), enquanto (n=1) afirmou-se bissexual. Entre os torcedores, obtivemos apenas (n=2) mulheres que declararam bissexuais, não havendo registro de homossexuais entre os sujeitos do sexo masculino investigados, fossem atletas ou torcedores. É válido frisar que não existem censos sobre o percentual da população brasileira que se declara gay. Apesar da unanimidade dos atletas e torcedores investigados em declarar-se heterossexual, é válido mencionar a ausência de atletas de futebol e torcedores que se assumem homossexuais.

Muito se discute sobre gênero e sexualidade, acerca dos comportamentos esperados dos atletas ou torcedores de futebol, entretanto a intolerância é externada em manifestações de diferentes tipos de violência seja nas arquibancadas ou nos vestiários: perda de patrocinadores, dificuldades na contratação, gritos homofóbicos. Essa realidade de assumir a homo/bissexualidade se configura de forma diferente na atuação profissional feminina, a compreensão, capacidade de auto-afirmação e tolerância com essa temática demonstram ser maiores.

A profissionalização do futebol no Brasil é masculina, apenas os homens têm calendário de competições fixo e conseguem reunir multidões nos estádios. É uma cultura que ensina, produz e representa masculinidades. (CAMARGO, 2018). Em muitos momentos, esse comportamento sexista e homofóbico é naturalizado, surgem manifestações em cânticos e não são compreendidas como violentas para quem as expressa. Trouxemos vozes de diferentes torcidas e torcedores paraibanos:

Olha o chute desse fresco, ele chuta feito[sic] mulherzinha, veado! (Torcedor não Identificado, Estádio Municipal de Patos, 20/04/2022)

Solta o som da festa para o galo gay chorar (Torcida Império Alvinegro, Estádio Almeidão, 21/04/2021)

Esses refrões, discursos e demais semelhantes fortalecem o fato de que o esporte em geral e principalmente o futebol, o estádio se revela como um local de preconceito, no qual, quanto mais a sociedade evolui sobre respeito ao diferente, mais evidente fica a não aceitação ao homossexual e à mulher.

4.1.5 Atletas: Renda e Apoio de patrocinadores

A participação feminina no mercado de trabalho é marcada por discriminações e desigualdades salariais. A construção de estereótipos na sociedade afeta a mulher e se propaga ao mundo do futebol que até os dias atuais tem maioria masculina – praticantes ou consumidores.

Objetivando comparar as rendas individuais dos atletas entre os sexos questionamos: **Quanto em reais você recebe mensalmente como jogador (a)?** Ao analisar as respostas, constatou-se uma disparidade significativa a nível mundial e entre os atletas locais não foi diferente. Enquanto a maioria dos atletas homens (n=3) tinha renda entre 3 e 4 Salários mínimos, a maioria das atletas mulheres (n=3) recebia menos de 1 salário mínimo .

Posteriormente, questionamos: **Você recebe apoio (financeiro/ serviços/ produtos) de algum patrocinador? Caso positivo, como/ quanto?** Nesse sentido, observamos que o futebol paraibano carece de investimentos e patrocinadores. Obtivemos que entre os atletas 42,85% não recebem patrocínio e entre as atletas esse número é ainda maior: 71,42% sem patrocínios ou ajudas de custo. Para Teixeira (2019) o futebol feminino não é rentável como o masculino e conseqüentemente, os salários e patrocinadores das jogadoras não se equiparam com o quantitativo dos jogadores. O descaso da indústria e comércio local é evidente, assim como a omissão das prefeituras municipais e do governo estadual no que se refere a investimentos direcionados aos clubes estaduais.

4.1.6 Profissional ou amador? Locais de treino, materiais e comissão

Silva (2008) acredita que a diferença basilar entre futebol profissional e amador é que o amador é direcionado ao lazer, alegria e entretenimento. O futebol profissional é limitado à perspectiva de trabalho, visa a vitória a qualquer custo. Com a finalidade de conhecer os locais e materiais de treino, bem como a comissão dos/das atletas investigados/as questionamos sobre as condições dos itens da estrutura local, integrantes da equipe multiprofissional, tipo e qualidade do gramado, quantidade e conservação dos materiais. Com as respostas, os tópicos temáticos originaram o seguinte quadro:

Quadro 1. Comissão, Locais e Materiais de Treino

	Homens	Mulheres
Estrutura Local		
Arquibancada	6	3
Banheiros e Vestiários Femininos	3	2
Banheiros e Vestiários Masculinos	7	4
Bebedouros Funcionando e com manutenção	6	2
Espaço Regenerativo/Treino Extra Campo	4	1
Equipe Multi Profissional		
Equipe Multiprofissional Completa Gratuita (Médico, Fisioterapeuta, Nutricionista, Psicólogo e Profissional de Educação Física)	3	0
Gramado		
Gramado Natural Bem Conservado	7	4

Materiais Suficientes e Bem Conservados		
Bolas	7	5
Cones	7	6
Estacas e/ou Escadas de Agilidade	5	3
Redes	7	6
Barreiras de Salto	4	3
Manequim Barreira	3	2

Fonte: Dados da Pesquisa

Apesar da superioridade do futebol masculino com relação ao feminino nos tópicos analisados, as condições desse esporte na Paraíba ainda estão distantes do que é idealizado para o âmbito profissional. Se o idealizado é distante no futebol masculino, no feminino, é quase unânime a falta estrutura local básica como banheiros, vestiários, bebedouros, arquibancadas e espaço regenerativo. Além disso, a unanimidade das atletas investigadas no que se refere à ausência de equipe multiprofissional, faz refletir numa perspectiva científica sobre a saúde desse público, bem como a alimentação e de que forma é realizada a recuperação/treinamentos, com gramado inadequado e materiais insuficientes ou não conservados.

4.2 Categorias E Códigos De Análise Do Discurso

Ao buscar um melhor entendimento no processo de imersão nos dados, optamos pela criação de categorias de análise direcionadas aos atletas e à torcida. Houve a identificação, interpretação e análise dos discursos. Nas categorias, percebemos códigos de recorrência que se originaram de acordo com os discursos dos participantes da pesquisa. Os discursos que atingiram no mínimo 20% de recorrência foram considerados aptos à apresentação por possuírem evidente semelhança com o tema abordado.

4.3 Categoria **Sexismo: Anacronismo Futebolístico**

Esta categoria trata da atemporalidade do sexismo para/com as jogadoras de futebol sob a perspectiva de atletas e torcedores. Apesar de o sexismo ser o foco principal desta categoria, os estereótipos foram evidenciados com frequência, pois, estes se configuram como uma forma inicial de preconceito e estão ligados às crenças sobre as características pessoais atribuídas aos sujeitos ou grupos. Foram originados dois códigos de recorrência a partir das questões: **Você concorda com os estereótipos masculinizados atribuídos às mulheres praticantes de futebol? Por quê?; Quais seriam estes estereótipos sobre o esporte que você percebeu? Por que estes estereótipos acontecem?**

4.3.1 Código Masculinização das atletas

A existência de uma tensão entre futebol e mulher atleta é notória, há uma relação entre representação social desse esporte como masculino e a prática feminina. Os desafios para as mulheres não se limitam aos dribles, chutes ou estratégias de jogo. As maiores dificuldades estão fora dos gramados. As mulheres sempre foram discriminadas pelas diferenças físicas e pela masculinização do esporte. Na primeira forma, as mulheres são consideradas menos capazes que os homens no esporte, e, na segunda, estas são consideradas *anormais* ou *lésbicas*. Este código apresentou uma recorrência de 40,6% do total de sujeitos.

Atletas e torcedores repetiram em quase uníssono alguns discursos observados no senso comum machista - através da busca de justificativas para a existência da masculinização atribuída pela sociedade. Os demais, não souberam ou não explicaram os porquês dessa masculinização, apesar de evidenciar em outras questões aspectos relacionados às condutas, posturas e comportamentos idealizados para as mulheres: o futebol não se configura como um destes.

4.3.2 Código A cultura machista e as jogadoras

Para discorrer sobre esse código originado, recorreremos aos acontecimentos dos primeiros jogos olímpicos da modernidade que aconteceram em 1896. As mulheres eram proibidas de participarem como atletas devido a sua fragilidade, masculinização ou impedimentos para desempenhar o papel reprodutor. A elas, com a cultura machista enraizada, só restava assistir as competições. (ALTMANN, 2015).

Atualmente, essa visão do esporte como agente masculinizante ainda se faz presente, tendo dessa vez, uma justificativa fisiológica. As praticantes são categorizadas de acordo com a característica das modalidades e são julgadas tendo como base papéis de gênero. Seus corpos, modo de se expressar, voz e até a forma de realizar os fundamentos da modalidade que se dispuserem a praticar, são elementos que viram alvo de críticas na sociedade. Trouxemos alguns relatos:

Não faz sentido ser julgada só por jogar futebol. Geralmente a menina que joga futebol viveu uma grande parte de sua vida no meio de homens. Fragilizam, julgam e desacreditam demais, aconteceu comigo. (Atleta Feminina 6)

São julgadas porque de regra tem mais homem gostando de futebol que mulher, uma questão histórica e cultural influencia essa percepção. Há ainda muito machismo no Brasil e no Nordeste é ainda pior. (Torcedor 15)

A alta porcentagem de recorrência de 67,18% nos discursos desse código, evidencia que esse fator ainda é presente no futebol. Os discursos expostos anteriormente trazem julgamentos como um fator determinante. Isso porque atletas e torcedores de ambos os sexos, estão imersos

em paradigmas sociais que percebem uma condição anormal na presença feminina em jogos, torcidas, arbitragens, até em usar camisa de time. (LOPES e PIMENTA, 2017).

4.4 Categoria **O Jogar Feminino**

Esta categoria aborda aspectos do jogar feminino, a estereotipagem que o futebol carrega - por demandar força, contato, rapidez e resistência - origina prejulgamentos com o jeito de jogar. Refletimos: se a modalidade tem configurações corporais iguais para os dois sexos, significa deduzir - sob o viés social, que as boas jogadoras são masculinizadas e as más, são feminilizadas – fortalecendo o ideal frágil e incapaz atribuído às mulheres por décadas.

Foram originados dois códigos de recorrência a partir das questões norteadoras: **Você acredita que existe preconceito de homens praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? Se sim, como e por quê?; Você acredita que existe preconceito de mulheres praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? Se sim, como e por quê?; Para você, qual sexo é o mais preconceituoso quando o assunto é a prática de futebol por mulheres?**

4.4.1 Código O preconceito entre sexos

Este código trata da percepção do preconceito para/com as jogadoras e torcedoras, por associações à exclusividade da figura masculina nos esportes de contato. Com uma recorrência de 100% dos discursos, as questões tinham o objetivo de compreender de que forma esse preconceito é expresso e qual é o sexo mais preconceituoso sob o ponto de vista dos sujeitos. Observamos uma unanimidade nas respostas dos atletas em acreditarem existir preconceito, conforme observado nos discursos:

A sociedade é preconceituosa. O jeito de jogar das meninas é diferente do masculino e talvez isso pese por sempre existirem comparações, e não dá pra comparar. (Atleta Masculino 5)

Sim, geralmente atribuem o futebol apenas aos homens. Entre os atletas, eles se sentem superiores, muitos dizem que as mulheres não sabem jogar e com relação a torcedoras, vêem como sapatão⁹ ou Maria chuteira. (Torcedora 25)

Além disso, todas as atletas femininas acreditam existir preconceito entre as mulheres sejam praticantes ou não de futebol e (n=22) torcedoras compactuam da mesma opinião. Já no sexo oposto, entre os atletas (n=4) acreditam existirem mulheres preconceituosas e (n=3) discordam. Entre os torcedores, 80% concordam que existe preconceito de mulher para mulher.

⁹ Linguajar chulo popular usado para caracterizar mulheres que se assemelham aos homens de acordo com estereótipos.

Entretanto, 85,9% consideram o sexo masculino mais preconceituoso alguns discursos podem ser observados:

Na minha opinião quando o preconceito vem de mulher, é mais dolorido. Elas sofrem em outros aspectos com essa disputa entre sexos, não deveriam nos fazer sofrer. (Atleta Feminina, 4)

O preconceito começa em casa, quando os pais e as mães não estimulam e proibem as filhas jogarem. Isso porque não fomos preparados para lidar com o diferente, com o que sai do nosso controle ou fora daquilo que nos foi imposto pela mídia e pela cultura desde jovens. (Torcedor 21)

4.4.2 Código mulher macho x mulher feminina

As jogadoras de futebol são criticadas, masculinizadas e taxadas como homossexuais. A mulher é pejorativamente denominada de lésbica, que em linguajar chulo, se popularizou como *sapatão*, independentemente de homossexualidade. (CRUZ, 2003). Essa terminologia é aviltante para a dignidade dessas, que além das dificuldades de qualquer atleta, precisam superar a depreciação de sua feminilidade. Discursos que reiteram o machismo através da discriminação, do preconceito, de julgamentos por vestes, trejeitos, ou comportamentos, resultaram em uma recorrência de 76,5% entre os sujeitos analisados.

Teve uma vez quando eu era mais nova, a torcida do outro time me chamava de *sapatão*. Aquilo me incomodava demais, eu não sou homossexual, cheguei a apertar meu uniforme, mudar o cabelo, mas percebi que vai além disso. Os gritos continuaram em outras situações e hoje não me importo mais. (Atleta Feminina 2)

Sim! Vejo muitos julgamentos sobre sexualidade e também a carência desse público jogando e nos estádios acompanhando as meninas. Hoje em dia tá [sic] bem melhor. (Torcedor 18)

4.4.3 Código Apoio socioafetivo

Este código trata dos fatores sociais externos que afetam a prática do futebol, pois analisa aspectos como a influência dos familiares, amigos e relacionamentos afetivos. Esses fatores são determinantes para o desenvolvimento das atletas, já que a boa evolução se deve ao incentivo da família - de vínculos socioafetivos em geral, além do apoio psicológico no decorrer da carreira. Diante do mencionado questionamos aos/às atletas: **Você recebe apoio afetivo na prática do Futebol? Caso positivo, de quem?**

Apenas um atleta declarou não receber apoio. Entre as mulheres, 57,1% compactua da mesma situação. Os demais atletas masculinos (n=6) sujeitos, afirmaram receber apoio da família, amigas, torcedores e relacionamento afetivo. Posteriormente questionamos: **Como sua família reagiu quando soube que você iria praticar o futebol?** Seguem alguns depoimentos abaixo:

Me apoiaram desde do início, meus pais me levavam às peneiras. [seletivas para equipes de futebol] (Atleta Masculino 2)

Não tenho apoio familiar, sempre disseram que não dava dinheiro, era coisa de sapatão e eu ia passar fome. (Atleta Feminina 7)

O machismo está refletido nesses discursos, o primeiro e inicial espectro social, que é a família, não entra como suporte à prática do futebol feminino. Mas, se coloca como um empecilho e elemento de descrédito para a atleta. Entre o total de discursos das atletas femininas, achamos (n=6) nesta direção. Quantidade representativa dos dias atuais, pois reflete o sexismo disfarçado, em que a mulher tem espaços limitados e precisa investir mais energia que os homens para transpô-los.

4.5 Categoria **Idas Ao Estádio**

Esta categoria faz referência às idas aos estádios como razão de torcer por um clube. Analisa o perfil da torcida paraibana, bem como suas divergências entre gêneros: presenças/ausências nos estádios, locais e acompanhantes. Quando os torcedores foram questionados sobre a razão de torcer por um clube, percebemos que as idas ao estádio foram fator relevante – em alguns casos foi determinante para essa tomada de decisão. Este código teve uma recorrência de 24% sendo apontado por (n=5) torcedores, (n=7) torcedoras, como narram os discursos:

Torço desde criança, fui no [sic] amigão e enlouqueci faz mais de 20 anos (Torcedor 15)

Passei a torcer ao acompanhar os jogos no estádio. A atmosfera que a torcida cria é surreal. Abraça da mais nova à mais antiga torcedora. (Torcedora 9)

Apesar de se apresentar como razão determinante na escolha do time, a baixa adesão feminina nos estádios da Paraíba era um fator esperado pela pesquisadora, por resultados expressos em produções anteriores: Araújo (2019), Moraes (2017) e Silva (2017). Através da questão: **Você costuma frequentar estádios para assistir jogos do seu time?** Constatamos uma predominância masculina nos estádios de futebol. Entre os torcedores, (n=24) são frequentadores aos estádios, enquanto entre as torcedoras apenas pouco mais da metade das entrevistadas, o equivalente a (n=13) costumam assistir jogos das arquibancadas. Vale salientar que existem fatores que impedem às idas aos estádios. Com a finalidade de identificar estes empecilhos, questionamos: **Quais motivos te levam a não ir aos estádios?**

O único torcedor que relatou não frequentar estádios citou a falta de dinheiro como razão. Já entre as torcedoras, as razões foram diferentes: (n=4) alegaram falta de companhia, (n=5) disseram não se sentir seguras, (n=3) consideraram o ambiente do estádio hostil. Tais inseguranças e hostilidades de ambiente permitem que estabeleçamos relações entre a ausência

de torcedoras e atitudes machistas, já que o motivo citado pelo torcedor não têm relação com problemáticas de gênero, apenas as mulheres relataram esses fatores.

Questionamos ainda às pessoas que costumam acompanhar o clube nos estádios, quais eram esses locais que assistiam aos jogos: município de moradia, em todo o estado, por todo nordeste ou todo o país. Entre os torcedores, (n=24) acompanham seu clube no município de moradia, (n=20) viajam por toda Paraíba, (n=14) pelo Nordeste e (n=12) por todo País. Entre as torcedoras, a quantidade de apoio presencial ao clube foi bem menor: (n=13) acompanham jogos no município de moradia, (n=8) por todo estado, (n=4) por todo Nordeste e apenas (n=1) viaja por outras regiões do Brasil.

Questionamos ainda: **Com quem você costuma ir aos estádios?** E percebemos que as torcedoras buscam companhias de pessoas dos círculos familiares (n=5) ou parceiro amoroso (n=6). Apenas (n=2) torcedoras costumam ir aos estádios com as amigas. Já entre os espectadores masculinos, as amigas são a principal companhia para (n=15) sujeitos, posteriormente os familiares (n=7) e por último (n=2) as/os suas/seus companheiras/os. Observamos que apesar da divergência numérica de frequentadores às arquibancadas, o equivalente a 46,1% das mulheres buscam ir junto aos/as seus/suas companheiros/as. Enquanto entre os torcedores, essa situação se inverte: apenas 8,3% têm esse hábito.

4.6 Categoria **Torcida: Substantivo Feminino**

A mulher sempre fez parte do futebol, inicialmente de forma discreta com limitações impostas por lei. Embora tenha apresentado nos últimos anos um crescimento notável da participação feminina no universo futebolístico, a hegemonia masculina perdura. (GASTALDO, 2009). Para Silva (2017), a crescente inserção da mulher na torcida é ofuscada além da estereotipagem de gênero, por essa soberania masculina. É evidente que as mulheres precisam lutar para integrar esse âmbito. A presença feminina nos estádios está propensa a estereótipos, há a necessidade de incorporar funções além do torcer ou jogar, Moraes (2017) explica duas dessas funções:

Sexualizada, a “maria-chuteira”, ora ao ideário de masculinidade, a “mulher-macho”. É notório que ambas desinências compõem um espectro que a afasta deste “ser-que-torce” e a aproxima da sua existência em função de, e/ou alinhada ao universo do masculino. (MORAES, 2017, p. 5).

Diante dessa realidade, questionamos: **Você concorda com a masculinização/sexualização atribuída às mulheres torcedoras de futebol? Por quê? Sobre essa masculinização/Sexualização que você percebeu, como/ por que ela acontece?**

4.6.1 Código Sexismo na torcida

Durante a pesquisa, observamos a rivalidade entre os principais clubes paraibanos das arquibancadas. Constatamos que os torcedores relacionam práticas sexuais com superioridade clubística, no qual o time inferiorizado é associado ao penetrado na prática do sexo, se homem, à homossexualidade. A passividade no ato sexual estaria relacionada ao que é frágil, feminino, enquanto ser ativo mesmo que com outro homem, parece não ter a masculinidade diminuída. Para Freud, (1932), ainda que as relações supostas fossem heteroafetivas, confundir feminilidade com passividade e masculinidade com atividade constitui, é um grave erro.

Para os LGBTQs, essas relações discriminatórias presentes nos cânticos, são ações machistas que acontecem para afastar possíveis ameaças um padrão do que é masculino: o homem cis, hétero e branco como ideal biológico e social. O feminino aqui, se apresenta como incompleto, frágil, existente para servir ao masculino.

Seguindo essa linha de inferioridade, a justificativa de que o futebol feminino seria tecnicamente ruim, se disseminou fazendo com que os homens não se interessassem por assistir as mulheres jogando. Esse processo gerou uma divisão já ultrapassada: futebol masculino é assistido por homens, enquanto o feminino é visto pelas mulheres. Os casos de misoginia são frequentes, entre torcedores ou integrantes dos próprios clubes. A relevância dessa temática é pertinente e nos motivou a compreender de que forma esse sexismo é confirmado. Com uma alta recorrência, o sexismo foi mencionado por 59,3% do total de sujeitos, seguem alguns discursos:

Sei que existe preconceito pelo sexismo que historicamente construiu que o futebol é algo apenas para homens. (Torcedor 10)

Muitos homens acham que por eu ser mulher, não sei oq acontece no mundo do futebol, parece que têm raiva só porque eu tou [sic] lá já me olham torto quando grito, canto pelo meu time. (Torcedora 18)

Piadas machistas, demonstrações de raiva, ofensas, tentativa de silenciar as mulheres e assédios ocorridos nos estádios, evidenciam um quadro de sexismo comum na maioria das torcidas do Brasil, aqui na Paraíba não é diferente. As torcedoras costumam ser dissociadas do futebol muitas vezes apenas por ser mulher. Há ainda, a necessidade de demonstrar a paixão e a compreensão do futebol, isso porque para a sociedade, ainda há a carência de credibilidade no torcer destas mulheres.

4.6.2 Código Masculinização/ sexualização da torcida

Um torcedor pode com intensidade gritar, xingar, discutir, gesticular, sem pensar em conseqüências, porque suas ações são normalizadas. Já se uma mulher torcedora se propuser a fazer o mesmo, tem sua imagem feminina, associada ao homem. (OLIVEIRA, 2021). Partindo da ideia de analisar as perspectivas dos sujeitos sobre a masculinização da torcida, indagamos: **Sobre**

essa masculinização/ sexualização que você percebeu, como/ por que ela acontece? Este Código obteve a recorrência de 26,5% e a estereotipagem atribuída anteriormente às jogadoras, permaneceu entre as torcedoras conforme pode ser observado nos discursos:

A sociedade é leiga, dizem logo que vou atrás de jogador pra namorar ou então que sou lésbica. (Torcedora 11)

Acho que são julgadas, sempre serão. Se não for como sapatão, é como puta. (Atleta Feminina 7)

Reafirmações sociais machistas fazem parecer que a mulher está em inconsonância ao idealizado para o gênero feminino, só por gostar de futebol. O conflito de **ser mulher e parecer homem** para a sociedade gera inquietações que podem modificar posturas, condutas e não obstante, afastar as torcedoras dos estádios, do seu time, além de criar uma rejeição pelo simples fato de gostar de futebol. Além da questão anterior, perguntamos se os sujeitos já haviam sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação apenas por jogar/acompanhar futebol e observamos que a diferença quantitativa entre sexos foi enorme. O equivalente a 72% das torcedoras relataram sofrer algum tipo de discriminação por gostar ou acompanhar futebol, enquanto apenas 16% dos torcedores passam pela mesma situação.

Referente ao preconceito por gostar/ acompanhar futebol, a diferença entre gêneros se mostrou ainda maior. Enquanto nenhum torcedor afirma ter sofrido preconceito por gostar de futebol, apenas (n=1) torcedora relatou não ter passado por esse impasse. O quadro de preconceito sofrido é inverso, enquanto não há registros entre os torcedores, 96% (n=24) das torcedoras confirmou já ter vivenciado essa problemática.

4.6.3 Código O torcer e o apoio socioafetivo

No decorrer da história do esporte brasileiro, o incentivo, apoio, as oportunidades, atribuídas às mulheres e aos homens, foram e permanecem divergentes: na gestão, administração ou participação. (GOELLNER, 2003). O fator socioafetivo integra a formação do ser em todas as áreas. Como componentes desse grupo, podem ser citados a família, religião, amigos, relacionamentos amorosos entre outros. (MARTINDALE et al., 2010). Com a finalidade de compreender de que forma acontece o apoio socioafetivo ao torcer paraibano, questionamos: **Alguém te incentiva a ir aos estádios?**

Para Rodrigues (2019), existem três tipos de apoio socioafetivo. Há o positivo no qual há estímulo para que o sujeito realize determinada prática; o negativo em que não há nenhum interesse em apoiar o sujeito nas realizações de algum elemento e o nulo onde não há nenhum contato referente ao sujeito e aos aspectos a serem apoiados. De acordo com as respostas obtidas, não há como precisar qual é a tipologia de apoio socioafetivo conseguido por 64% das torcedoras

é negativo ou nulo. Entretanto, é possível constatar a presença do positivo em apenas 36% das torcedoras, que afirmaram receber algum tipo de incentivo para ir aos estádios. Entre os torcedores, o quadro é oposto, 72% afirmam receber apoio positivo, enquanto 28% afirmam não ser incentivado a ir aos estádios: o apoio negativo ou nulo.

4.6.4 Código Hostilidade ecoada nos estádios

O modo comportamental agressivo é vigente no âmbito esportivo, se revelando com frequência em diversas facetas e razões: dentro ou fora dos estádios, com torcedores, atletas, arbitragem ou comissões. A agressividade pode existir por uma multiplicidade de fatores comportamentais, emocionais, e fisiológicos. Já a hostilidade, representa um componente da agressividade, envolve estados de má vontade, percepção de injustiça e desmerecimento. (CUNHA e GONÇALVES, 2013).

Apesar do nível de fanatismo do torcedor pelo seu time se correlacionar com posturas agressivas, a cultura futebolística de forma corriqueira, naturaliza xingamentos e também agressões verbais. Em vista disso, existem outras variáveis extrínsecas para a compleição hostil em campo tal qual nas bancadas: relevância da partida, provocações entre adversários, postura do treinador, placar e outras razões. (CORIOLANO e CONDE, 2017). No entanto, a história da sociedade é abundante em violências e hostilidades sem elo com o esporte.

Conflitos entre torcidas organizadas e rivais, ou com a polícia, são comuns nos estádios e arredores. É válido ressaltar, que os casos de violências nos estádios também são causadas pelo torcedor definido como comum: o não filiado à organizada. (NETO, p.26, 2013) À vista disso, apesar desses conflitos não serem exclusivos ao futebol, o medo da violência a acentuação dos traços hostis – entre outras características, se configuram como um obstáculo à ida aos estádios. Torcedores investigados (n= 5) relacionaram a hostilidade e a presença de torcedoras nos estádios:

Acredito que locais com outros homens, falando palavrão, brigando e etc afastam as mulheres. Talvez elas não vejam como um ambiente ideal para frequentar. (Torcedor 16)

[...] Minha filha gosta de futebol e eu só não levo para todos os jogos porque tenho medo de ter uma briga, algo do tipo. (Torcedor 21)

Concernente à linguagem hostil em comentários e canções mencionadas por (n=4) torcedores, percebemos que além de palavras de baixo calão, a valorização de atitudes criminosas contra os adversários, são aspectos naturalizados. O estádio de futebol é produtor de linguagem, onde não se reprime vocabulários, cada pessoa fala o que deseja não importando quem está ao redor.

4.6.5 Código As mulheres machistas e a carência de sororidade feminina

A sociedade promove a rivalidade feminina, existem atitudes e comentários agressivos contra mulheres, expressados pelas próprias mulheres. Há uma competitividade fomentada pelo machismo sistematizado e assíduo no meio social. Essa postura de antagonismo enfraquece a luta por igualdade de gênero, e fragiliza todas as mulheres. (BENARDES *et al.*, 2017). O código em questão obteve 20,3% de recorrência e foi mencionado apenas entre as mulheres: (n=11) torcedoras e (n=2) atletas. Claramente não se trata de um assunto do interesse masculino, apesar da inter-relação. Evidenciamos alguns discursos:

Existe preconceito até das próprias mulheres. Se vai pro jogo sem ser produzida e com roupa folgada é sapatão, se vai arrumadinha, com uma roupa mais ligada é puta, quer macho. (Torcedora 11)

[...] pior são algumas mulheres, deixam de torcer para ficar fazendo comparações e julgamentos ais [sic] outras. (Torcedora 19)

As falas das entrevistadas expõem a carência de sororidade e empatia com as torcedoras. A tomada de decisão em respeitar o modo de viver escolhido pelas mulheres, é essencial para a quebra de conceitos machistas que menosprezam outras. Para Souza (2016, p.52) “[...] nascer um ser do sexo feminino significa para a nossa sociedade ter menos direitos, menos liberdade e mais deveres do que os homens”.

Ainda nessa perspectiva, a empatia e companheirismo nas redes midiáticas/sociais é algo utópico. Isso porque a própria rede, produz ideais femininos que são inalcançáveis na prática: ignoram a individualidade feminina ao homogeneizar grupos e mulheres díspares. Para que o movimento feminista seja efetivo é preciso considerar as diferenças. Perceber com isso, que as discriminações por gênero, raça, classe social e outras, são questões a serem defendidas de forma unânime, já que mesmo com o passar dos anos, todas as discriminações persistem. (SOUZA, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser mulher jogadora ou torcedora de futebol no Brasil é um ato de resistência. O futebol evidencia relações sociais de poder atribuídos aos sexos, que limitam e discriminam a participação feminina. Com a finalidade de analisar a presença de estereótipos sexistas entre torcedores e atletas de futebol paraibanos, buscamos compreender aspectos socioeconômicos culturais, questões relacionadas ao gênero e estratificação sociais existentes nesse público. Assim, foi possível identificar esses estereótipos e compreender possíveis razões que fomentam esse quadro excludente e sexista.

Nesta pesquisa, as mulheres – atletas ou torcedoras apresentaram médias de idade e rendas mensais menores que os homens, apesar de possuírem maior grau de escolaridade. As jogadoras possuem menos apoio de patrocinadores e recursos. No que tange a identidade de gênero, todos os homens se declararam heterossexuais, enquanto entre torcedoras e jogadoras existem três bissexuais e duas homossexuais. Todos os torcedores são paraibanos de cidades de todas as mesorregiões. Entre os atletas, identificamos sete estados de nascimento. O presente estudo constatou a cultura machista na Paraíba, através de julgamentos e estereotipagens.

Os sujeitos investigados acreditam que há preconceito para/com as jogadoras/torcedoras, vindo de homens ou entre mulheres. Nesta pesquisa, o sexo masculino foi considerado o mais preconceituoso, entretanto os enfrentamentos sociais foram mais evidenciados pelas mulheres. Referente à ida aos estádios, a superioridade numérica foi masculina, as torcedoras mencionaram: insegurança, necessidade de companhia e hostilidade. Há discriminação por gostar ou acompanhar futebol entre os torcedores, mas apenas as torcedoras enfrentam preconceitos. Além de apoio socioafetivo, faltam incentivos para a participação feminina e sobra omissão dos clubes e mídia paraibanos.

Para um posterior estudo ou aprofundamento, essa pesquisa torna-se relevante para discussão sobre gênero e esporte, além da relação entre masculinização e futebol feminino. Os quesitos principais do estudo relatam perspectivas de atletas e torcedores que também podem se tornar instrumento de futuras pesquisas. Portanto, nesta, foi constatada a presença de atitudes sexistas no futebol paraibano na torcida e atletas. Apesar dessa herança sociocultural geradora de preconceito, acreditamos que a prática esportiva feminina está cada vez mais popular e seu preconceito será superado. A mulher atleta/torcedora simboliza a mulher moderna: aquela que busca romper paradigmas, padrões e papéis sociais impostos. Esta é uma luta constante dos campos, arquibancadas e da vida.

6. REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo.** São Paulo, Cortez, 2015.

ALVES, N. G; GARCIA, R. L. Futebol: paixão e política. In: CARRANO, P. C. (Org.). **Bate-bola inicial.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BENARDES, C. R. O. et al. **O que é Sororidade e por que precisamos falar sobre?** In Carta Capital, jun. 2016. Acesso em: 9 dez. 2021.

BRASIL. Constituição Federativa do Brasil. Brasília, DF: **DOU**, 1988.

BRASIL. **LEI Nº 10.671**, DE 15 DE MAIO DE 2003. Estatuto de Defesa do Torcedor. **DOU**-Seção 1 15/5/2003. Brasília, 2003.

BRASIL. Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975. Normas gerais sobre desportos. **DOU** - Seção 1 - 9/10/1975. Brasília, 1975.

BRILHANTE L. C.; TORRECILLAS A.C.P.; **Evolução da sociedade em face dos avanços tecnológicos e sua simbiose com a personalidade humana.** v.7, n.3, 2021.

CAMARGO, W.X. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Rev. Estud. Fem.** vol.26 no.1 Florianópolis Fev. , 2018

CASTRO, C.M.; CADETE, M.M.M.;

CORIOLOANO, A.; CONDE, E. **Fanatismo e agressividade em torcedores de futebol.** Revista Brasileira de Psicologia do Esporte. N 6. Vol10., 2017.

CRUZ, A. R. **Futebol brasileiro: um caminho para a inclusão social.** São Paulo: Editora Esfera, 2003.

CUNHA, O.; GONÇALVES, R. A. **Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry,** 2013.

DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro In: DAMATTA, R. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DAMO, A.S. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: **Hucitec: Anpocs,** 2007

DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade-1ªED.** editora: Autores Associados, 2005

FRANZINI, F. **Futebol é "coisa para macho"?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra.** Porto Alegre: LP&M Pocket, 2013.

GASTALDO, E. **“O complô da torcida”:** futebol e performance masculina em bares. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.11, n. 24, p.107-123, jul./Dez, 2015

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994
- GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.
- GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Porto Alegre: Cadernos de Formação RBCE, p. 71- 83, mar. 2010
- GROSSI, M. P.; MINELLA, L. S.; PORTO, R. **Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.
- HOLLANDA, B.B.B.; **Futebol figurado: a linguagem das charges e das histórias em quadrinhos nas crônicas esportivas de José Lins do Rego**. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 2012.
- JAKUBASKO, D. **Quebrando estereótipos e rompendo preconceitos na sala de aula**. Revista espaço acadêmico n 168, mar. 2015.
- LEITE, V. Sexualidad, Salud y Sociedad. **Revista latino americana**, ISSN 1984-6487 / n. 32 – ago. 2019.
- LOPES, R. E. L.; PIMENTA, I. S. Mulheres no futebol: transitividade e avaliatividade na identificação de padrões sexistas, **Revista Humanidades e Inovação** v.4, n. 6, 2017.
- MARTINDALE, R.J.J.; COLLINS, D.; WANG, J., McNEIL, M., SONK LEE, K., SPROULE, J.; WESTBURY, T. Development of the Talent Development Environment Questionnaire (TDEQ) for Sports. **Journal of Sports Sciences**, 28(11), 1209–1221, 2010.
- MONTEIRO, S.S.; SOARES, Z.P.; Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios, *Educ. rev.* 35 (73) • Jan-Feb 2019.
- MORAIS, Y. O Que é o Sororidade?. **QG Feminista**, 2019. Acesso em: 10 dez. 2021.
- NETO, E.A.O.; **Violência no Futebol e Torcidas Organizadas: Um estudo em representações sociais**. Monografia, Universidade de Brasília, 2013
- OLIVEIRA, V. A. **Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (des) construindo o que é “ser mulher” no campo de futebol**. Dissertação Universidade Federal de Goiás, 2014.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PRÁ, J. R., & CEGATTI, A. C. **Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico**. Retratos Da Escola, 10(18), 2016.
- RAFIH, Y. S. E. **O patrocínio nas camisas de futebol no Brasil** “ A revolução nos cofres dos clubes brasileiros” Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA -- Assis, 2015.
- REIS, F. B.; CICONELLI, R. M.; FALOPPA, F. **Pesquisa científica: a importância da metodologia**. 2002.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, M.P. **Ambiente do desenvolvimento esportivo no atletismo:** uma análise a partir do talento e do gestor. (Dissertação), Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2019.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

SILVA, A. L. **Ao som dos “palavrões e nomes feios”:** A inserção das crianças no universo do futebol amador em Catingueira – PB. **Esporte e Sociedade.** Niterói, n. 25, 2015.

SILVA, F. S. et al . Futebol libertário: compromisso social na medida. **Psicol Ciênc Prof,** Brasília , v. 28, n. 4, p. 832-845, 2008.

SOUZA, B. **Vamos juntas? O guia da sororidade para todas.** 1a Ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

TEIXEIRA, M. L. C. **Futebol, questões de gênero e desigualdade salarial:** uma análise descritiva para o Brasil. 2019. 35 f. Monografia - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, UFOP, 2019.

TORGA, M. **Com a palavra, as gestoras: a trajetória de mulheres em cargos de gestão nos clubes de futebol do Brasil.** Dissertação, Juiz de Fora, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTIM, C. **Campeonato Paraibano Feminino 2019.** Planeta Futebol Feminino. www.campeoesdofutebol.com.br. Consultado em 11 de Junho, 2022